


COMPREENDENDO O MUNDO ATRAVÉS DO KARATE: UMA ANÁLISE PELO PRISMA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Understanding the world through karate: an analysis through the prism of international relations

Entendiendo el mundo a través del karate: un análisis a través del prisma de las relaciones internacionales

Marcelo Alberto de OLIVEIRA¹ , Eduardo GONZÁLEZ DE LA FUENTE² ,

Roberto Marques LEÃO SILVA¹ , Gustavo Oliveira Brito dos SANTOS³ 

¹Universidade de São Paulo (Brasil)

²Universidade de Kanazawa (Japão)

³Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Correspondencia / correspondence: Marcelo Alberto de Oliveira. E-mail: marcelo.alberto@usp.br

Resumo

O Karate é um fenômeno social que acabou por adquirir proeminência ao longo do século XX, projetando-se no cenário internacional como o reflexo de uma cultura do Extremo Oriente. Dito isso, como o Karate pode explicar o mundo a partir das Relações Internacionais? Tem-se como lacuna se esta prática pode ser o espelho da sociedade japonesa. Assim, o objetivo geral é entender o mundo a partir do Karate. Deste modo, na esteira de uma pesquisa qualitativa, este ensaio teórico se propôs a levantar algumas reflexões. Como resultados, constatou-se que a modalidade consagrou-se inicialmente por meio das relações locais de agentes e instituições e, posteriormente, projetou-se internacionalmente, passando a orbitar em campos diversos. Como conclusão, observou-se que o Karate pode ser um meio para se entender contextos geopolíticos.

Palavras-chave: karate, artes marciais, Okinawa, Japão, relações internacionais.

Abstract

Karate is a social phenomenon that ended up acquiring prominence throughout the 20th century, projecting itself onto the international scene as a reflection of a Far Eastern culture. That said, how can Karate explain the world from the perspective of International Relations? There is a gap in whether this practice can be a mirror of Japanese society. Thus, the general objective is to understand the world through Karate. Therefore, in the wake of qualitative research, this theoretical essay proposed to raise

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivatives (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reutilização, distribuição e reprodução não comercial em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada e não seja alterada, transformada ou construída de qualquer forma.

some reflections. As results, it was found that the modality initially established itself through local relationships between agents and institutions and, later, projected itself internationally, coming to operate in various fields. In conclusion, it was observed that Karate can be a means of understanding geopolitical contexts.

Keywords: karate, martial arts, Okinawa, Japan, international relations.

Resumen

El Karate es un fenómeno social que acabó adquiriendo protagonismo a lo largo del siglo XX, proyectándose en el escenario internacional como reflejo de una cultura del Lejano Oriente. Dicho esto, ¿cómo puede el Karate explicar el mundo desde la perspectiva de las Relaciones Internacionales? Existe una brecha sobre si esta práctica puede ser un espejo de la sociedad japonesa. Así, el objetivo general es comprender el mundo a través del Karate. Por ello, a raíz de la investigación cualitativa, este ensayo teórico se propuso plantear algunas reflexiones. Como resultados, se constató que la modalidad se estableció inicialmente a través de relaciones locales entre agentes e instituciones y, posteriormente, se proyectó internacionalmente, operando en diversos campos. En conclusión, se observó que el Karate puede ser un medio para comprender los contextos geopolíticos.

Palabras clave: kárate, artes marciales, Okinawa, Japón, relaciones internacionales.

Introdução

A Inglaterra desempenhou um papel central na consolidação do formato do esporte moderno. Lá isso se deu a partir da inspiração e adaptação de jogos populares pela aristocracia deste país entre os séculos XVIII e XIX – em especial nas escolas públicas de elite onde os filhos da aristocracia alteraram certos contornos dos jogos populares da época. Essa classe social empenhou-se em sistematizar, regulamentar e racionalizar tais práticas, de acordo com seus valores morais. A ideia de mundo esportivo ganha corpo nesse período tendo como produto o surgimento de modalidades, como: *cricket*, tiro ao alvo, pesca, corridas, caça, caminhada e boxe (Marques 2015).

Além disso, o século XIX é marcado pela ascensão de várias modalidades esportivas na esteira de diversas disputas territoriais internacionais, frutos da consagração dos Estados-Nação e da consolidação do capitalismo como modelo econômico. A ausência de esporte em qualquer país estrangeiro nessa época poderia ser interpretada, inversamente, como um sinal seguro de fraqueza cultural e até de inferioridade racial (Roden 1980).

Foi neste período, por intermédio de professores estrangeiros, que os japoneses conheceram toda sorte de esportes americanos e europeus [...] época na qual novas narrativas e identidades políticas e culturais mostraram-se necessárias (Pucineli e Martins 2014, 42).

Se pudermos considerar o século XIX como sendo o século da consolidação do Estado Nacional enquanto modelo hegemônico de organização espacial, talvez possamos perceber diversos aspectos relativos a ele e como esses aspectos estavam distribuídos em diferentes áreas do globo. No caso da Ásia – e mais especificamente do Japão – o problema do imperialismo foi determinante.

Em meados do século XIX o Japão estava vulnerável às incursões imperialistas. Os Tratados Desiguais negociados entre as grandes potências ocidentais e o desgaste do xogunato Tokugawa (1600-1867) na década de 1850 fazem parte desse cenário de mudanças que se intensificavam no Japão. Um dos episódios emblemáticos foi a abertura forçada dos seus portos para o comércio internacional¹ (especialmente Estados Unidos). No horizonte insular japonês despontaram guarnições estrangeiras apoiadas por navios de guerra, que usavam os portos como estações de abastecimento de carvão, e que ajudaram a garantir privilégios comerciais e residenciais durante os anos turbulentos da Era (ou Restauração) Meiji (1868-1912). Como consequência dos tratados, os estrangeiros residentes, visitantes e militares - cujos números combinados atingiram mais de quinze

¹ Ocorrido em 1854.

mil durante a década de 1860 - tiveram a liberdade de transformar os assentamentos em áreas distintas (Roden 1980). Desta forma, o Imperador, “com o golpe de 1868, concentrou poderes para executar o projeto de modernização nacional, inaugurando a Era Meiji” (Saraiva 2008, 95).

O Japão apropriou-se dessas representações ocidentais para construir seu próprio discurso de singularidade, traduzido nas teorias *Nihonjinron* [discurso da singularidade japonesa], numa tentativa de criar uma conexão com o passado e um sentimento compartilhado de identidade cultural que ignora a diversidade das populações habitantes do arquipélago japonês (Morais 2019, 107, grifo nosso).

Podemos destacar ainda que entre 1868 e 1872, segundo Nunes (2012), aconteceram no Japão: “1) a volta do poder político às mãos do Imperador, 2) a transferência da capital política de Kyoto para Tóquio, 3) a formação do novo governo, 4) a abolição do feudalismo e 5) o fortalecimento da ciência ocidental dentro do Japão” (p. 27). A título de exemplo, de acordo com Ueno (2019), a visão que se tinha do Japão neste período era de um país dos samurais, das gueixas, das cerejeiras, considerado “inofensivo e feminino”. Além disso, devido a sua rápida modernização ao longo da Era Meiji, o Japão serviu como um exemplo a ser seguido pelo Brasil.

Neste pensamento, essa percepção acabou mudando algumas vezes, a saber: i) com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil em 1908, e a disseminação das teorias raciais da Europa do século XIX e do ideal de “branqueamento”, visto com “bons olhos” pelo governo brasileiro; ii) com a política expansionista do Japão na Ásia, especialmente com o desdobramento da invasão da Manchúria e outras regiões, os japoneses passam a ser uma ameaça, daí o sentido do termo largamente utilizado na literatura do “perigo amarelo”; iii) por fim, a percepção acerca dos japoneses passa por uma espécie de “reconciliação”, na medida em que criou-se no Brasil comemorações de aniversários da imigração japonesa baseado na amizade, união e paz entre os países (Ueno 2019).

A grande maioria das artes marciais, sobretudo as de origem do chamado Extremo Oriente, foram disseminadas na esteira de processos militares e geopolíticos em escala nacional e depois global ao longo do século XX. Em Portugal, por exemplo, as primeiras notícias sobre apresentações de artes marciais asiáticas datam de 1907, visto que houve apresentações de *jujutsu* e *kendo*, as quais foram realizadas por tripulantes de dois navios – Tsukuba e Chilone – em sua passagem por Lisboa (García, Rosa e Pérez-Gutiérrez 2010).

Ainda sobre o século XX, podemos citar o efeito combinado da prática esportiva das artes marciais e sua representação social, principalmente no campo cinematográfico após a Segunda Guerra Mundial, o que aproximou ainda mais o Oriente do Ocidente (Oliveira-Santos 2021; Ferreira, Sonoda-Nunes e Marchi-Júnior 2010). Neste período, muitos estadunidenses experimentaram práticas marciais comuns à Ásia Oriental (Karate, Judô, Taekwondo, Kung-Fu, dentre outras). Inicialmente acessadas por soldados que estavam a servir no continente asiático, essas práticas marciais ganharam popularidade fora dessa região quando esses militares retornaram e abriram escolas em seus próprios países (Bowman 2010).

Então sob o efeito ainda mais efervescente do encontro cultural Ocidente-Oriente, em fins do século XIX e começo do século XX, o Japão e outros países asiáticos absorveram os estímulos culturais estrangeiros de maneira particular, cada um ao seu modo, sendo culturas diferentes que passaram por tempos e espaços específicos. A racionalização de práticas marciais, bem como a preocupação em organizá-las em instituições esportivas, trouxeram novos contornos para as artes marciais asiáticas, especialmente para aquelas que se direcionaram como esporte moderno (Reis-Júnior 2019; Guttmann e Thompson 2001; Mezcua-López 2012).

Allen Guttmann (1978), historiador do esporte, formulou sete categorias para compreender o esporte moderno, a saber: Secularidade; Igualdade de chances; Especialização; Racionalização; Burocracia; Quantificação e Recordes. Neste universo, Frosi (2012) utilizou essas categorias e as aplicou ao Karate. O autor notou que com o processo de institucionalização e esportivização, isto é, quando o Karate foi sistematizado, tornando-se um *Budo* e, em seguida, apresentando-se como um esporte moderno, as categorias do “Secularismo” e “Quantificação” variaram.

Dito de outro modo, o Karate experimentou os efeitos do Secularismo (se afastou do religioso) e da Quantificação (mensuração das coisas) por meio de indivíduos que se dividiram, tais como: i) aqueles que desejavam o Karate como esporte moderno; ii) aqueles que desejavam manter resquícios tradicionais japoneses; iii) aqueles que desejavam manter resquícios tradicionais okinawanos. Por parte dos japoneses, pareceu ser uma tentativa de diferenciação da cultura chinesa e dos elementos culturais antigos ligados a Okinawa e China. Contudo, de maneira simplificada, há uma disputa entre os grupos de praticantes do Karate *Budo* e do Karate esportivo, especialmente nas lutas. Logo, o Karate *Budo* perderia a sua essência de luta real ao se adaptar às regras e às condições igualitárias do Karate esportivo (Ito 2021; Frosi 2012).

Tomando como exemplo o processo de institucionalização do Karate, podemos analisar alguns elementos que acabaram sendo incorporados a essa prática, a saber: principalmente a forma de uniformes (*dogi*, *karate-gi* ou *kimono*), estruturas formais de aula, programas de estudos fixos e o sistema de faixas coloridas, o uso de termos como “*Osu*” (ou *Oss*) (Antunes 2019; Oliveira 2020). Ou ainda, no efeito da mudança terminológica ocorrida com o Karate, a saber: de *Tode* (mãos chinesas) para Karate (mãos vazias) (Oliveira, Telles, e Barreira 2019). Essa modalidade também foi “higienizada”, com movimentos letais removidos ou redefinidos como “bloqueio” ou “soco”. Foi essa versão, desenvolvida antes e após a Segunda Guerra Mundial, que os militares estadunidenses encontraram: uma abordagem quase “fordista” de linha de produção em massa para as artes marciais, cujos exercícios rítmicos e repetitivos em linha reta e abordagem de porcas e parafusos já eram semelhantes aos exercícios militares (Bowman 2010).

Ainda tratando desse efeito do encontro cultural Ocidente-Oriente, na contemporaneidade, podemos relacionar ao surgimento do conceito de “*Ido*” no campo das artes marciais, cujo pensamento filosófico se baseia na sabedoria Oriental-Occidental, com a ética predominante derivada da tradição cavaleiresca europeia, pregando as virtudes de justiça e fraternidade (Cynarski 2017). Neste pensamento, por exemplo, há na literatura estudos que buscaram comparar a Aretê da cultura clássica grega com o Bushidô da cultura japonesa, o que revelou aproximações, tais como: “a inseparabilidade de corpo e espírito, o uso das artes marciais como meio de expressar virtudes e valores morais e a formação do cidadão” (Pimenta et al. 2024, 1).

Contudo, os desdobramentos locais da introdução e difusão das artes marciais asiáticas culminaram com percepções, decodificações, apreciações e, conseqüentemente, incorporações de elementos culturais locais (ou regionais) – isso na esteira do conceito de “*glocalização*” (Tausch 2018; Giulianotti e Robertson 2007). Tendo como exemplo, o Karate *Budo* quando chega ao Brasil entre 1950 e 1960, já esportivizado no Japão, foi incorporado pelos brasileiros (cultura local) de maneira distinta quando se comparado aos espanhóis, franceses, alemães e assim por diante. Porém ao passar por um processo de percepção e apreciação local, tanto o Karate quanto outros esportes superaram as particularidades locais, melhor dizendo, “os *sports* superaram as idiossincrasias locais, expandindo-se por intermédio de circuitos de competições regulares e abrangentes” (Martins e Altmann 2007, 3). Então, o efeito da padronização das regras da modalidade esportiva facilitou a sua propagação, desconsiderando as características locais (Pucineli e Martins 2014).

Nesse sentido, a codificação não é a causa ou o motor da disseminação em massa de uma dada maneira de praticar os *sports*, mas um dispositivo de desconexão parcial das práticas em relação às influências locais e regionais, impulso decisivo para a constituição de uma cultura esportiva globalizada (Damo 2006, 6).

De acordo com Norbert Elias e Eric Dunning (1992), as regras fixas tornam a prática igual e global, sem depender de interesses ou tradições locais. No que tange ao exemplo do Karate, as artes marciais japonesas passaram por um processo de sistematização norteada pela *Dai Nippon Butokukai* (ou apenas *Butokukai*), que objetivava a padronização das artes marciais tradicionais japonesas, com mais efervescência durante a primeira metade do século XX (Lu e Pan 2018) – o que reforça a ideia de uma produção em série análoga ao modo fordista, como comentado por Bowman (2010).

Num primeiro momento, ao que demonstra a literatura, a expansão e popularização dessas produções culturais corporais em território japonês se dariam inicialmente pela capacidade de

padronizar o que era praticado para que então pudesse ser popularizado – aqui caberia enfatizar duas características distintas, mas não mutuamente excludentes: padrão e popularização. Essas características ganharam maior ênfase ao curso da história, vencendo inclusive a extinção da *Butokukai* com o fim da Segunda Guerra Mundial. Num segundo momento, essas práticas, agora sistematizadas como *Budo*, receberam novos contornos, na medida em que foram esportivizadas, especialmente com a ocupação estadunidense (1945-52). Entretanto, manifestações de Karate esportivo já eram sentidas no interior das universidades japonesas a partir da década de 1930 (Figueiredo 2006), inclusive com o pioneirismo – durante a década de 1940 – do coreano Kwaebyeong Yoon (1923-2000) (Kim e Kim 2022). A título de curiosidade, equipamentos de proteção, comumente utilizados pelo Kendo na época, acabaram sendo implementados em alguns treinos de Karate universitário no Japão Continental, na tentativa de diminuir as lesões ocasionadas pelos treinamentos (Quast 2016b; Sanches 2021; Kim e Kim 2022).

Nos dias atuais, tem sido difícil traçar um prognóstico sobre o futuro do Karate, mas podemos investigar o que ele representou no passado e representa hoje. Neste pensamento, assim como o Judo de Jigoro Kano (1860-1938) que manteve parte da sua identidade apoiada no Japão feudal e, ao mesmo tempo, seguiu o fluxo da modernidade, sob princípios de utilidade dos gestos e da economia (ou eficiência) de energia (Pucineli e Martins 2014), o Karate também passou por um processo similar – mas com uma combinação de elementos culturais não só japoneses – acabando por ser híbrido. Dito com outras palavras, tanto o Judo quanto o Karate demonstraram ter agregados em sua corporalidade aspectos como: “higienismo, eugenismo, competitividade, busca pela excitação controlada etc. Ou seja, traços do esporte moderno e dos Métodos Ginásticos Europeus” (Pucineli e Martins 2014, 43-44).

Por outro ângulo, tal como o teatro japonês *Kabuki* se esforça na contemporaneidade à preservação da sua essência, mantida apesar das adaptações (Sá 2017), vislumbra-se que o Karate contemporâneo pode despertar o interesse de novos praticantes como um convite para o universo ritualístico e de valores de sua essência (Oliveira, Telles e Barreira 2019; Oliveira e Feijó 2023).

Levando em consideração esses processos anteriormente mencionados, a seguinte pergunta é levantada: como o Karate pode ajudar na compreensão do mundo a partir das relações internacionais? Por uma perspectiva microssocial, tem-se como questão se essa prática pode refletir em si aspectos da sociedade japonesa que sejam de grande valia para a sua compreensão, ou ainda, através de uma perspectiva macrossocial, visando entender uma sociedade globalizada.

Assim sendo, este ensaio teórico orienta seus esforços ao levantar uma série de questões que, embora não busquem respostas definitivas, pretendem fornecer ao pesquisador de artes marciais e estudos socioculturais ideias que o auxiliem na compreensão do contexto atual em que essa prática está inserida (o processo de formação da arte e sua característica contemporânea como prática cultural globalizada). Nesta conjuntura, de natureza de pesquisa qualitativa, este ensaio está dividido em duas seções: a primeira seção busca apresentar especificidades da história do Karate; a segunda seção organiza essas especificidades de modo a desconstruir alguns estereótipos e preconceitos.

Okinawa como pontapé inicial

Para compreender o processo de gênese do Karate, é essencial revisar a história para destacar algumas características que o diferenciam de outras práticas culturais. Nesta seção, nota-se que a origem do Karate está profundamente vinculada a contextos sociais e culturais desenvolvidos ao longo de muitos séculos. Dito de outro modo, a prática sofreu mutações e adaptações, registrando influências de diferentes épocas em sua formação.

Desde o século XIV, o arquipélago das Ryūkyū, atualmente Okinawa, desempenhou um papel relevante como rota de passagem para embarcações comerciais na Ásia Oriental, em um contexto marcado por conflitos armados e atividades de pirataria. Localizado em uma posição estratégica do ponto de vista geopolítico, o arquipélago abrigava o Reino de Ryūkyū (1429-1872), que estabeleceu intercâmbios diplomáticos e comerciais significativos com a China, o Japão e a Coreia,

especialmente intensos com o império chinês, a potência regional predominante até o século XVII (Røkkum 2006; Kerr 2000).

De acordo com Hamashita (2011), Okinawa desenvolveu: “uma relação de enviado-tributo na qual as administrações *Ryūkyūs* ofereceram lealdade e bens ao império chinês em troca de reconhecimento diplomático e proteção externa” (p. 172), tornando-se, então, “membro subordinado de uma Aliança regional de segurança e comércio dependente da hegemonia militar e econômica chinesa” (Hamashita 2011, 172). Tal contexto geográfico e sócio-histórico determinaria tanto a história de Okinawa quanto a história do Karate.

É inegável que o desenvolvimento do Karate esteja atrelado à Okinawa. No entanto, é difícil estipular um tempo e espaço em que a modalidade começou, tendo em vista a ausência de fontes primárias, isto é, documentos oficiais, cartas, procurações, certificados, esculturas etc. (Figueiredo 2006; Frosi e Mazo 2011; Oliveira et al. 2018).

De acordo com Sciascio (2019, 19), “descrever e narrar a respeito da verdadeira história do Karate é uma tarefa relativamente difícil, uma vez que estabelecer uma gênese absolutamente correta esbarra na ausência de documentos escritos”. Neste âmbito, é usual nos círculos do Karate apontar um poema do século XVII do diplomático e estudioso confucionista Tei Junsoku (1663–1734) como a primeira menção escrita documentada da prática. Entretanto, são necessárias mais pesquisas para afirmar se o poema alude ao Karate ou às outras artes praticadas em Okinawa no passado, pois um ideograma utilizado no texto pode ser igualmente traduzido como “caligrafia” e como “mão” e esse último era o termo usado para o sistema de combate ou habilidade marcial próprio do arquipélago, comumente conhecido como “*ti*” (Quast 2016a).

Neste contexto, já no início do século XVII Okinawa não era mais um reino totalmente soberano, na medida em que, em 1609, o *han*² Satsuma invade o arquipélago e estabelece uma relação de submissão do Reino de *Ryūkyū*. Era do interesse do domínio Satsuma (*han* que estava sob o controle de Shimazu, seu *daimyo*) e do shogunato Tokugawa usar Okinawa como intermediário para o comércio com terceiros, especialmente com o império chinês, expandindo sua capacidade de cobrança de impostos. Por isso seu controle sobre as ilhas foi realizado com os elementos mínimos necessários e sempre com a vontade de escondê-lo, a fim de manter a aparência de independência (Kebbe 2021). Assim, Okinawa serviu como uma “janela” para o mundo, já que o Japão estava “fechado” (ou *sakoku*) para transações comerciais. As únicas exceções foram via Okinawa – mesmo que a inteligência chinesa soubesse da ocupação de Satsuma – e mais ao norte, via porto de Nagasaki, – onde a Holanda foi o principal fornecedor de produtos estrangeiros (Jansen 1989).

A invasão dos Satsuma, em 1609, marca uma data importante porque para a história popular do Karate este evento alimentou a necessidade dos okinawanos de “inventar”, ou, pelo menos, fomentar uma arte marcial desarmada para se defenderem dos abusos dos samurais japoneses e suas *katanas* (espadas japonesas). Entretanto, evidências históricas confirmam que no Reino de *Ryūkyū* havia um sistema militar que fazia uso de muitos tipos de sistemas e armas, incluindo canhões, para defender portos, conquistar territórios e proteger seus navios em alto mar (Smits 2010, 2018). Dadas estas circunstâncias, seria lógico inferir que também existiriam métodos de combate corpo a corpo antes da invasão japonesa.

Segundo Guttman e Thompson (2001), muito embora há poucas fontes sobre a origem do Karate, podemos encontrar as mais bem documentadas a partir de 1867. Esse ano, de acordo com os registros do erudito local Shimabukuro Zenpatsu (1888-1953), foi organizado um evento no qual dez diferentes artes marciais, incluindo o Karate, estavam em exposição para comemorar a coroação do Shō Tai (1843-1901), o último Rei dos *Ryūkyūs*, antes de ser assimilado pelo Estado-Nação japonês (Okinawan-Prefectural-Government 2017, 17).

² *Han* era um território cujo controle e direito de exploração estava nas mãos de um *daimyo*. Essa relação entre um senhor territorial/líder militar e a exploração e domínio de um território específico pode parecer análoga ao sistema europeu de suserania e vassalagem. Do mesmo modo os *daimyo*, que também eram samurai, parecem análogos aos cavaleiros da aristocracia guerreira medieval. Porém tais aproximações devem ser feitas com bastante cuidado a fim de não diluir as especificidades do fenômeno japonês em uma regra geral baseada no fenômeno europeu.

É a partir deste tempo que, por enquanto e na ausência de mais pesquisas, podemos falar da história documentada do Karate que conhecemos hoje, embora as artes marciais existissem em Okinawa séculos antes. Isto também coincide com outro período chave entre as relações entre Okinawa e o Japão. Nesta conjuntura, como desdobramento das ofensivas do estadunidense Comodoro Matthew Calbraith Perry (1794-1858), são abertos definitivamente os portos do Japão para o estrangeiro em 1854, de forma mais efervescente, em especial às grandes potências da época, neste caso os Estados Unidos. Depois do processo de assimilação de Okinawa iniciado em 1872 pelo governo Meiji, o Imperador Matsuhito Meiji (1852-1912), anunciou em 1879 o *status* formal de Prefeitura de Okinawa, muito embora ela já estivesse sob sua influência desde o século XVII. Como a China exercia de certa forma também influência sob Okinawa, ela acabou se opondo a essa decisão. Assim, o então Presidente americano da época Ulysses S. Grant (1822-1885) acabou intermediando a disputa, decidindo favoravelmente ao Japão (Kerr 2000).

Dependendo do ponto de vista, a relação entre Okinawa e Japão possui um rastro de preconceito, racismo e xenofobismo, tendo em vista as relações culturais e diplomáticas que se estabeleceram ao longo da história. Por ser uma cultura distinta, ter dialetos locais, um fenótipo particular do povo local, de costumes e comportamentos bem diferentes do Japão, os okinawanos (ou *uchinanchu*), não raro, foram historicamente marginalizados – sendo ainda hoje discutida essa questão (Tanji 2006; Arakaki, Oliveira, e Rubio 2018; Kebbe 2021; Kerr 2000; Shimabuko 2016; Barreira, Telles e Oliveira 2023).

Neste contexto, a questão sobre o racismo histórico que os okinawanos sofreram e ainda sofrem do Japão Continental, bem como o apagamento inicial histórico do Karate okinawano, na esteira do processo de japonização, são sensíveis e merecem uma análise mais cuidadosa. Posto isto, a obra de Pierre Bourdieu (1930-2002) pode nos ajudar nesta empreitada, em especial com os conceitos de campo³, capital cultural⁴, capital simbólico⁵ e *habitus*⁶. O racismo contra os okinawanos e o apagamento cultural que o Karate sofreu refletem dinâmicas estruturais de poder em que a dominação simbólica e a imposição de narrativas hegemônicas são centrais. Essas dinâmicas, as quais seriam guiadas por formas ocultas de dominação (Bourdieu 1983), não apenas marginalizariam Okinawa, mas também perpetuariam a centralidade cultural e política do Japão Continental no campo social nacional e global.

Dito de maneira diferente, entende-se o racismo contra os okinawanos como um reflexo de um campo político-cultural hierarquizado, onde o Japão Continental exerceria poder simbólico e material sobre Okinawa. Nesse campo social, entendido como relativamente autônomo, estariam dominantes e dominados, disputando capitais (Bourdieu 1996). Nesta conjuntura, as práticas

³ Conforme Bourdieu (1996), o campo é um espaço social autônomo onde ocorrem disputas e interações entre agentes que competem por diferentes formas de capital – econômico, cultural, social, simbólico. Cada campo, seja ele político, cultural, esportivo, ou mesmo, do Karate possui suas próprias regras, valores e hierarquias, que determinam o que é reconhecido como legítimo em seu contexto. Os indivíduos ou agentes dentro de um campo posicionam-se estrategicamente para conquistar poder e prestígio, sendo que essas posições dependem do volume e da composição dos capitais que possuem. O campo, portanto, é uma estrutura dinâmica, onde as relações de poder moldam e são moldadas pelas práticas sociais dos agentes.

⁴ Para Bourdieu (1996), os capitais são recursos que as pessoas acumulam ao longo da vida e utilizam para conquistar vantagens ou posições de destaque em diferentes áreas da sociedade. Eles vão além do dinheiro (capital econômico), incluindo o conhecimento e a educação (capital cultural), as conexões e redes sociais (capital social) e o prestígio ou reconhecimento simbólico que alguém pode ter (capital simbólico). Esses capitais funcionam como ferramentas de poder nos "campos sociais", espaços onde as pessoas competem com base nas regras específicas de cada área, como a educação, a política ou as artes. Assim, os capitais moldam as relações sociais e ajudam a entender por que algumas pessoas têm mais oportunidades que outras.

⁵ O capital simbólico é o reconhecimento, prestígio ou legitimidade que um indivíduo ou grupo adquire em um determinado campo social. Ele é uma forma de poder que resulta da percepção e do valor atribuídos pelos outros às características ou ações de alguém, como títulos, honra ou *status* (Bourdieu 2007). No campo do Karate, por exemplo, o capital simbólico é essencial para a reprodução das hierarquias sociais particulares da prática, pois legitimaria as posições de poder (graus, faixas, funções, cargos) e as desigualdades dentro dos campos.

⁶ O *habitus* é um sistema de disposições incorporadas que orienta, de forma inconsciente, as ações, pensamentos e percepções dos indivíduos. Ele é formado ao longo da vida por meio das experiências sociais, refletindo as estruturas do ambiente em que se vive, como a família, a escola, o trabalho, ou ainda, um dojo de Karate. O *habitus* funciona como um mediador entre o indivíduo e o mundo social, permitindo que as pessoas ajam e tomem decisões de maneira que pareçam naturais, mas que, na verdade, estão profundamente moldadas pelas condições históricas e culturais do seu contexto (Bourdieu 2009).

culturais e tradições de Okinawa, incluindo o Karate, seriam subordinadas ou desvalorizadas em relação às narrativas dominantes do Japão Continental. Essa desvalorização não seria apenas explícita, mas operaria de forma implícita, naturalizando a marginalização cultural de Okinawa, reforçando a ideia de uma identidade japonesa homogênea, na qual Okinawa é colocada como “outra” ou periférica.

No que tange ao apagamento das raízes okinawanas do Karate, por meio do processo inicial de japonização, especialmente durante a 1ª metade do século XX, podemos entender como um processo de reconfiguração do capital simbólico do Karate, onde o Japão Continental apropriou-se dessa prática para fortalecer sua identidade cultural e projetar poder em um contexto nacional e global. Dito com outras palavras, compreende-se que o capital simbólico – constituído de prestígio, reconhecimento e legitimidade social (Bourdieu 1996) – foi utilizado pelo governo imperial japonês para influenciar e exercer poder dentro da sociedade japonesa e posteriormente fora dela. A prática corporal foi transformada em um símbolo de disciplina, modernidade e hierarquia, alinhada aos valores da elite governante. Esse processo eclipsou a história e as contribuições culturais de Okinawa, deslocando seu significado original e subtraindo o conhecimento da prática – capital cultural.

Na contemporaneidade, percebe-se esforços de agentes nativos de Okinawa e até de estrangeiros interessados em preservar e reafirmar as tradições culturais locais — incluindo as versões mais autênticas do Karate — como uma luta no campo cultural. Estratégias de valorização, como elevar essa prática marcial como patrimônio intangível junto à UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), são exemplos de esforços, o que veremos mais adiante neste estudo. Dito isso, essa luta busca reverter o apagamento histórico e disputar o capital simbólico associado ao Karate, especialmente diante do processo de globalização que favorece as versões japonesas da prática.

Okinawa, ao manter escolas tradicionais e destacar suas conexões históricas e culturais com o Karate, atuaria no fortalecimento do *habitus* do *karateka uchinanchu*, o que reforçaria, segundo Bourdieu (1983), uma estrutura, estruturante e estruturada. Dito com outras palavras, observa-se a promoção de um conjunto de predisposições assimilado através do aprendizado, sendo explícito ou implícito, que atuaria como uma estrutura organizada e organizadora dos modos de perceber e agir no contexto okinawano, norteados as práticas do *karateka* de forma frequentemente imperceptível e relacional. Logo, essa estrutura que seria, ao mesmo tempo, estruturada e estruturante se apresentaria para o mundo como um produto fruto das relações históricas.

Portanto, é uma estrutura porque possui um corpo de conhecimentos legítimos; é estruturada porque recebeu influências externas, adaptando-se às novas demandas, especialmente do campo do turismo; por fim, é estruturante, visto que é uma fonte de transformações locais, o que demonstra toda a potência do conceito da *hexis* corporal⁷. Esse conceito, conforme Bourdieu (2015), refere-se à maneira como o corpo é treinado, posicionado e apresentado no mundo, funcionando como um veículo de significados sociais incorporados. No contexto do Karate de Okinawa, ela representaria não apenas a técnica física, mas também os valores culturais e éticos transmitidos através do treinamento.

Para Barreira, Telles e Oliveira (2023, 114–15), “a ascendência chinesa sobre Okinawa é um fato determinante, política e culturalmente. Nem por isso, todavia, o arquipélago mudou sua língua ou deixou de ter suas particularidades culturais”. Acontece que o Japão de fins do século XIX e começo do século XX, mostrou-se até mesmo em sua legislação, para além do seu nacionalismo, um caráter ortodoxo e arbitrário, na medida em que “possuía as características mais tradicionalistas e nacionalistas e menos universais” (Kawabata 2017, 50). Normalmente, histórias nacionalistas

⁷ A relação entre o corpo e a sociedade no Karate está profundamente ligada à história de Okinawa, uma ilha marcada por sua posição estratégica e pelas influências culturais vindas do Japão, da China e do Sudeste Asiático. A repetição dos movimentos e a disciplina no treinamento vão muito além da preparação para o combate. Elas carregam consigo histórias de resistência, de preservação da identidade local e de como a cultura da ilha se adaptou aos desafios ao longo do tempo. Dessa forma, o Karate de Okinawa, por meio da *hexis* corporal, não apenas conta sua história, mas também mantém vivas as tradições que moldaram a essência da ilha.

tendem a esconder uma discussão sincera sobre as artes marciais asiáticas. E como as tradições das artes marciais, muitas vezes, estão baseadas em histórias inventadas, as filosofias ligadas a essas histórias fictícias, frequentemente, parecem ilusórias e vazias. Essas contradições são evidentes em vários níveis na maioria das artes marciais asiáticas (Moenig, Kim e Choi 2023).

De acordo com Moenig, Kim e Choi (2023), as artes marciais, especialmente as de origem asiática, são frequentemente envoltas por narrativas históricas que misturam mitos, nacionalismo e invenções modernas. Termos como “tradicional” são utilizados para evocar uma ancestralidade que, muitas vezes, não reflete a realidade histórica. Por exemplo, diversas práticas descritas como milenares foram, na verdade, consolidadas ou criadas nos últimos séculos, em resposta a mudanças culturais ou políticas, como ocorreu no Japão durante o período Meiji. Além disso, elementos como a espiritualidade atribuída ao Zen nas artes marciais japonesas ou o uso da filosofia Confucionista para legitimar práticas modernas frequentemente emergem de uma tentativa de adicionar credibilidade ou apelo místico às disciplinas.

Ainda, conforme Moenig, Kim e Choi (2023), essas contradições também se manifestam nas diferenças entre as escolas tradicionalistas e modernistas. Enquanto os tradicionalistas reivindicam a preservação de práticas ancestrais e enfatizam aspectos filosóficos e espirituais, os modernistas promovem uma abordagem mais prática, muitas vezes, orientada para competições esportivas. No campo do Karate, por exemplo, existe uma identidade própria que só pode ser plenamente compreendida ao considerar que a cooperação está sempre acompanhada por dinâmicas de tensão (Rosa 2020).

No entanto, a base de muitos elementos tradicionais, como os treinos ritualísticos de formas (*kata*), carece de comprovação histórica robusta e frequentemente contradiz as necessidades práticas de combate ou autodefesa. Tal situação é agravada pela romantização promovida por produções midiáticas e pela apropriação de narrativas que exaltam um passado heroico fictício, gerando tensões filosóficas e práticas que permeiam o discurso contemporâneo sobre as artes marciais (Moenig, Kim e Choi 2023).

Segundo Drigo (2007), no que tange ao contexto brasileiro, de modo geral, o campo das artes marciais pode refletir um *habitus* particular, evidenciado por elementos como o simbolismo das faixas que expressam hierarquia, a postura autoritária adotada por muitos instrutores durante os treinos e o foco de lutadores competitivos no desempenho atlético. Por outro lado, praticantes com menor destaque em competições (ou com nenhum interesse no campo esportivo) tendem a enfatizar aspectos tradicionais e filosóficos das artes marciais, mostrando diferentes formas de vivenciar essa prática.

Voltando ao caso da marginalização histórica *uchinanchu*, Okinawa tinha uma posição estratégica na geografia, mas o povo okinawano era considerado um parente inferior do japonês. Para mudar e superar essa imagem, a história revela que não foi suficiente reconhecer o okinawano como japonês. Foi preciso também rejeitar o chinês, negando os valores de uma herança cultural que, apesar de ter influenciado as bases sociais e religiosas que formaram o Japão, Okinawa e a Coreia, só teriam ganhado honra e dignidade ao se tornarem japoneses de alma (*Yamato damashi*), assumindo a liderança da hierarquia asiática (Barreira, Telles e Oliveira 2023).

Dentro deste regime de discriminação, que foi intensificado pela construção do Estado-Nação japonês, ao longo da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, dirigida por algumas elites japonesas intensamente preocupadas e influenciadas pela geopolítica internacional, o Karate desempenhou um papel dual e contraditório. A modernização e nacionalização do Karate no século XX, a partir de sua popularização no Japão, estão inseridas em um duplo movimento de “tradicionalização” e esportividade. Mesmo antes da mudança terminológica de *tode* para *karatedō* — reconhecida pela Butokukai em 1933 e, posteriormente, pelos mestres de Okinawa em 1936 — o *tode* praticado em Okinawa já vinha sendo progressivamente transformado. Nesse processo, adquiriu, ao menos em parte, características esportivas.

Segundo Kadokaru (2021, 69), “na Escola Normal de Okinawa, a Karate Shorei Kai realizava treinamentos e torneios, além de pesquisas sobre metodologia de ensino aplicadas a lutas e *kumite*”. Posto isto, tem-se o primeiro registro do karate datado de agosto de 1902 — na época denominado

Mutekatsu-ryu — em um evento esportivo, conforme indicado em um relatório publicado no jornal de ex-alunos (Ryutan) da Escola Normal de Okinawa. Neste contexto, até 1911, aconteceram dezenas de apresentações e torneios de karate em Okinawa (Kadekaru 2021).

Como título de exemplo, destacam-se dois eventos realizados na capital (Naha), os quais foram registrados pelo jornal okinawano Ryūkyū Shimpō, a saber: (i) em 8 de março de 1905, após alunos de karate de Ensino Fundamental se apresentarem, conforme Kadekaru (2021, 60), “receberam prêmios do governador Narahara, do chefe de polícia, Sr. Wada, e do conselheiro, Sr. Kishimoto”; (ii) mestres consagrados – como Funakoshi, Kiyuna, Itosu e Kentsu – participaram de um torneio esportivo (taikai, 大会), em 25 de janeiro de 1911 (Kadekaru 2021).

Como estabeleceram Elias e Dunning (1992), para o processo civilizatório moderno é absolutamente essencial a pacificação das violências e das paixões, e é aqui que entram em jogo o esporte e o lazer, transmutando impulsos agonísticos presentes no ser humano para novas formas competitivas mais organizadas e codificadas, adequadas tanto para sua introdução nos currículos escolares quanto para o consumo em massa. As artes marciais japonesas e o *Bushidō*⁸, tanto em seus aspectos organizacionais práticos quanto culturais e ideológicos, não ficam de fora dessa dinâmica civilizacional global (Guttmann e Thompson 2001; Sánchez-García 2019; Frosi e Oliveira 2019; Pimenta et al. 2024), interagindo na constituição do espírito e da nacionalidade japonesa estrutural (Pita Céspedes 2014).

Durante as primeiras décadas do século XX, o Karate de Okinawa foi utilizado pelas instituições e autoridades da região, através de sua inclusão no sistema escolar (1901), como um método ginástico e pedagógico para aculturar as novas gerações aos valores nacionais japoneses. Desta forma, e por extensão, o Karate – que neste período esteve marcado pelas guerras sino-japonesas, russo-japonesas⁹ e pela preparação para a Segunda Guerra Mundial – adquiriu uma reputação notável no Japão a partir da década de 1920. Isso ocorreu especialmente com a chegada de Gichin Funakoshi (1868-1957), em 1921, com o apoio de Jigoro Kano (1860-1938), criador do Judô e primeiro membro japonês do Comitê Olímpico Internacional (COI). Apesar da orientação educacional e científica, tanto o Karate quanto as demais artes marciais japonesas acabariam sendo cooptadas pelo governo imperial japonês e entidades relacionadas para servir aos interesses da pátria. Neste contexto, em uma época de crescente militarismo e radicalização ideológica que leram o *Bushidō* em termos de nacionalismo extremo (Nunes 2012).

Tal processo requer uma intensa reconfiguração não apenas das características técnicas e simbólicas do Karate, mas também para aproximá-las do contexto e dos valores do momento, na qual alguns dos principais mestres okinawanos ainda estão envolvidos (Frosi, Monteiro e Mazzei 2025). Este envolvimento, entretanto, também responde a dois princípios: preservação e conservação da cultura de Okinawa através do Karate, seu expoente mais conhecido. Nesta perspectiva, é possível argumentar que as dualidades e ambivalências do processo de incorporação de Okinawa ao Japão estão perfeitamente incorporadas no *status* de Karate.

Dito com outras palavras, em um sentido, esta arte marcial atua como uma fonte de legitimidade e uma reivindicação do valor das particularidades da cultura okinawana; enquanto em outro sentido, confirma a estigmatização das tradições locais, pois o Karate deve ser modernizado e centralizado na direção da essência da “niponicidade”, a fim de se enquadrar adequadamente nas instituições nacionais e seu significado. Se algo ainda hoje define a posição e o *status* tanto de

⁸ Modo de vida samurai.

⁹ De acordo com Saraiva (2008, 97), “a celebração da aliança entre o Japão e a Grã-Bretanha, em 1902, e a vitória japonesa sobre a Rússia, em 1905, demonstraram, dramaticamente, as aspirações do país como potência”.

Okinawa quanto do Karate dentro da nação japonesa, é precisamente o que Oguma (2014) descreve como a dinâmica cultural e política de “inclusão/exclusão”.¹⁰

Com o transcorrer do século XX, Okinawa acabou sendo palco de uma das maiores batalhas na Ásia, a “Batalha de Okinawa” (de 1 de abril a 22 de junho de 1945) durante a Segunda Guerra Mundial. Após oitenta e dois dias de luta feroz, a ilha estava nas mãos dos Aliados. Cerca de doze mil americanos e mais de noventa mil militares japoneses perderam a vida (Kerr 2000), enquanto que a Prefeitura de Okinawa estima que 94.000 civis foram mortos, entre eles muitos mestres e praticantes de Karate. Além disso, após o fim dessa guerra, os Estados Unidos ocuparam e governaram Okinawa até 1972. Durante este período, numerosas bases militares foram construídas (especialmente estadunidenses) expropriando terras dos habitantes locais, as quais recentemente foram desativadas. De acordo com Kerr (2000), os okinawanos, como cidadãos japoneses, sentiram que estavam sendo roubados do que lhes era devido, graças à ocupação militar americana. O Japão também desejava a reversão de Okinawa. Em parte, foi uma consciência culpada nacional pela trágica Batalha de Okinawa e por permitir que Okinawa permanecesse ocupada militarmente enquanto eles próprios estavam livres desde 1952. É neste contexto de ocupação estadunidense de Okinawa e de recuperação pós-guerra no Japão que o Karate começou a ganhar fama internacional e a se institucionalizar como nós o conhecemos.

De acordo com Barreira, Telles e Oliveira (2023), o Karate se consolidou no Japão em um contexto histórico (*zeitgeist*) marcado pela guerra. Depois da derrota na Segunda Guerra Mundial, as artes marciais, associadas à ideologia imperial fascista, foram proibidas por muito tempo. O Karate escapou da proibição, mostrando-se como um tipo de boxe local, persuadindo os ocupantes norteamericanos de que era mais esportivo do que um meio do *Bushidō*. “As potências aliadas acreditavam que esses sistemas eram pouco mais do que métodos de educação física à maneira do ‘boxe chinês’” (Draeger 1983, 127 *apud* Kim; Kim, 2022).

Outras formas de racismo, porém, atingiram o Karate de Okinawa. Ao descreverem sua prática como originada entre camponeses que lutavam contra a opressão de invasores, o apagamento da história do Karate anterior à sua japonização o indicava como uma modalidade primitiva, reduzindo a importância e o interesse pelos líderes okinawanos da arte marcial. A mensagem transmitida é a de que a elevação da hierarquia moral do Karate residia no Japão, não em Okinawa.

Karate e Relações Internacionais: alguns dados e reflexões

Como diz Saraiva (2008, 346), “o estudo das relações internacionais tem por fim a elaboração de quadros conceituais que venham iluminar a compreensão do objeto”, no nosso caso, o Karate. Partindo desse pressuposto podemos dizer que o Karate se apresenta como o reflexo de inúmeras rupturas que compõem a própria história dessa arte. Ao mesmo tempo, reflete nessa sua história várias outras rupturas e dinâmicas de diversos grupos, sujeitos, comunidades e sociedades. Portanto, a fim de interpretar corretamente o Karate como uma expressão cultural, e em suas dimensões factuais e simbólicas, é imprescindível abordar as Relações Internacionais pela formação e expansão de um mundo construído na esteira de acordos diplomáticos, embates políticos e guerras - um mundo liberal e cada vez mais globalizado (Renouvin e Duroselle 1967; Saraiva 2008).

Contudo, não devemos esquecer que esta relação metodológica é potencialmente recíproca. Em outras palavras, o Karate enquanto objeto de pesquisa pode também iluminar as Relações Internacionais. Procedemos, então, para delinear nesta seção como mecanismos, debates e controvérsias que estão no coração da diplomacia pública e das agendas da economia política global podem ser percebidos ao se observar o Karate com atenção. Não surpreende afirmar que esta arte

¹⁰ O livro de Oguma é dedicado a traçar os principais eventos históricos e fundamentos intelectuais que definiram estas dinâmicas de inclusão/exclusão na relação entre Okinawa e o Japão, principalmente entre 1818 e 1972. Para uma compreensão geral, consulte principalmente as páginas 5-9 e 351-358: “‘The Japanese’ are constructed in concert with the construction of ‘the Okinawans’ and the setting of boundaries between them. This construction process, however – at least in the case of the relationship between Japan and Okinawa – progressed not by excluding ‘the Okinawans’ from ‘the Japanese,’ but amid their inclusion into ‘the Japanese.’ This point differs from the way many theories based on constructionism consider that a majority is built by setting up a minority as a target of exclusion” (Oguma 2014, 352).

marcial originária de Okinawa, graças a sua difusão planetária e poder iconográfico, tem atuado como uma ponte intercultural entre Okinawa, Japão e o restante do mundo, desde meados do século passado. Então, compreender o tamanho da fama global do Karate se faz pertinente.

Para Bowman (2010) a resposta diz respeito a ocupação militar do Japão no pós-Segunda Guerra Mundial pela superpotência militar e cultural de meados do século XX: os Estados Unidos. O fato de que as experiências culturais e marciais dos militares americanos poderiam ter adentrado e reorientado a imaginação de *Hollywood*, e a ideia de que isso poderia impactar na alfabetização cultural do resto do mundo (em termos de um certo conhecimento sobre as artes marciais asiáticas), indica o alcance global do cinema e da mídia americana (Ferreira, Sonoda-Nunes, e Marchi-Júnior 2010; Mori e Oliveira 2019).

A globalização da cultura popular e das indústrias culturais aceleraram a circulação de imagens ligadas ao Karate. Logicamente, o governo japonês está ciente desta ancestralidade e não tem dúvidas sobre a capacidade internacional do Karate em atuar como embaixador cultural, ao ponto de se tornar: “instrumental para a diplomacia cultural japonesa na política mundial contemporânea” (González de la Fuente 2021a, 23). Um exemplo claro de que o Karate também é um mecanismo diplomático, ou seja, uma ferramenta que serve e regula as relações com outros Estados, é a sua inclusão dentre as atividades elegíveis para um visto cultural para visitar o Japão. Na contemporaneidade, obviamente ao modo “japonês”, o governo captura esse produto cultural e o consagra como “legítimo” - ou melhor, tradicionalmente japonês - assim como o foi durante a Era Meiji. Uma das possíveis explicações para isso é que:

No atual contexto de incerteza econômica, desnacionalização institucional e perda de soberania do Estado, governos ao redor do todo o mundo ainda tentam se agarrar a imagens monolíticas de cultura, identidade e tradição a fim de proteger suas fronteiras nacionais e o *status quo* no cenário mundial (Morais 2019, 107).

Esta dimensão oficial e política do Karate é ainda mais evidente quando olhamos como ele se encaixa na arquitetura institucional do Estado japonês do começo do século XX: o Karate tornou-se oficial e institucionalmente colocado no conjunto de artes marciais japonesas pertencentes aos órgãos da *Butokukai* e da Associação Esportiva do Japão, que se reportava diretamente ao Gabinete do Primeiro Ministro. Contudo, a *Butokukai* acabou sendo banida com a ocupação estadunidense (1945-1952) e restituída em 1953, mas com objetivos bem diferentes da sua origem.

Os processos que levaram o Japão a se configurar como um Estado-Nação nos moldes modernos foi acompanhado pela invenção do “*Homo Sportivus*”¹¹ japonês através da construção de uma forma híbrida de prática corporal que recombina elementos das artes marciais tradicionais com as práticas esportivas e os métodos ginásticos europeus (Pucineli e Martins 2014, 45–6).

Na contemporaneidade, com a estreia¹² e a curta participação do Karate como esporte olímpico, em *Tókyo 2020-21*, o Japão pretendeu renovar e fortalecer seu papel como embaixador diplomático e cultural. Desta forma, a arte marcial de Okinawa deve ser reconstruída outra vez como um símbolo nacional que expõe ao mundo um novo Japão, no qual tradição e modernidade se unem no reconhecimento discursivo do multiculturalismo do próprio país e da Ásia tendo Okinawa como referência. A institucionalização de tal narrativa em torno do Karate, contudo, traz em jogo fatores econômicos e políticos que ocultam – mas também revelam desde que haja vontade de pesquisar – certas estruturas de poder nas relações entre Okinawa (como seu próprio sujeito histórico) e Japão (como um Estado-Nação moderno de grande influência no campo das Relações Internacionais).

¹¹ Segundo Bento (2007, 318–19), “o ‘*Homo Sportivus*’ – o atleta ou praticante desportivo – é uma das expressões resultantes da linha de conceitualização evolucionária que estabeleceu o problema da relação de cultura e natura na configuração do homem, nomeadamente a do seu corpo”.

¹² De acordo com Bagińska e autores (2022), quando observamos a geografia dos esportes de combate olímpicos do Extremo Oriente, em especial sobre a única participação do Karate numa edição olímpica, em *Tókyo 2020/21*, notamos que a Turquia se destacou obtendo o primeiro lugar em número de medalhas conquistadas e o Japão conquistou o primeiro em total de pontos. Curiosamente, apenas representantes de países do hemisfério norte e um cinturão bastante estreito de países da Ásia, Europa e América do Norte (latitudes temperadas), ganharam medalhas.

O Karate tem um valor educacional que vai além da esfera da Educação Física e Esporte, e que foi potencialmente valorizado por sua aparência olímpica. Juntamente com as técnicas esportivas, os atletas acabam, mesmo que de maneira indireta, estudando a tradição, a cultura e a história do Japão, consequentemente chegando as questões que orbitam Okinawa¹³ (Bagińska et al. 2022). Este fenômeno do praticante de Karate fascinado pela descoberta de Okinawa já foi captado pela ficção em produções de tanto sucesso como no filme *Karate Kid II* (1986), onde podemos ver Daniel-san lendo *Okinawa: The History of an Island People* de George Kerr (2000), publicado em 1958 – um clássico dos estudos sobre Okinawa – no avião com o Sr. Miyagi em viagem para as ilhas.

É precisamente este tipo de questão sobre o nexo entre o Karate (como um fenômeno da cultura global), Okinawa e Japão, que está sendo levantada a candidatura do Karate para a lista de patrimônio cultural intangível da UNESCO. Um processo que não envolve somente o governo da Prefeitura e o governo nacional japonês, mas também outras instituições internacionais e independentes, como a Federação Mundial de Karate (*World Karate Federation – WKF*), com sede em Madrid (Espanha). Segundo González de la Fuente e Niehaus (2020, 49), o Karate como patrimônio: “transversa fronteiras temporais, geográficas e políticas”, ao mesmo tempo em que “canaliza as alegações contemporâneas sobre o passado que pode ser consistente ou contradiz discursos normativos sobre a relação Okinawa-Japão”.

No entanto, é importante entender que o caráter transfronteiriço do Karate e os discursos geopolíticos associados ao seu passado e presente colidem também com as relações diplomáticas na região do Leste Asiático, tanto por causa das alegações sobre as origens chinesas do Karate (Xie et al. 2022) quanto pelo peso indiscutível da arte marcial okinawana na gênese do Taekwondo coreano (Moenig, Sungkyun e Taek-Yong 2014). Isto é ainda mais importante quando descobrimos que existe uma competição crescente entre países asiáticos para alcançar o reconhecimento de suas artes marciais pela UNESCO como patrimônio cultural. Tanto a China, com o *Taijiquan* em 2020 (Raimondo, Rea e Yong-shun 2022), quanto a Coreia, com o *Taekkyon* em 2011 (Park et al. 2018), conseguiram isso, mas o Japão ainda não. O reconhecimento de heranças nacionais como as artes marciais pela lista de bens intangíveis da UNESCO não só serve à função de inscrever a potência da cultura nacional na esfera internacional, mas também traz enormes benefícios econômicos, já que o patrimônio é uma fonte de renda fortemente ligada à propriedade intelectual e ao turismo. Como González de la Fuente e Niehaus (2020) recordam para o caso da construção da candidatura do Karate de Okinawa:

Várias ações, institucionais, propagandistas, discursivas e assim por diante, foram desenvolvidas na última década para defender o Karate como ICH [*Herança Cultural Intangível*]. Estas atividades locais já mudaram profundamente o panorama do Karate de Okinawa e resta saber até que ponto a visão de longo prazo do governo da província irá alterar ainda mais as comunidades locais de Karate, bem como a compreensão e o desempenho do Karate no futuro¹⁴ (González de la Fuente e Niehaus 2020, 49, grifo nosso).

¹³ Um praticante de Karate, ainda que novato ou intermediário, não ficaria muito tempo longe de questões que acabam por fazê-lo notar os contornos dos problemas entre Okinawa e Japão. A começar pela multiplicidade de estilos de Karate desenvolvidos ao longo do século XX. Isso logo o leva a entender que o Karate pode ser catalogado em dois grandes conjuntos: estilos de Okinawa e estilos do Japão. A experiência crescentemente adquirida pelo praticante também o leva a perceber que as duas matrizes têm diferenças na mecânica de algumas técnicas, na estética corporal dessas técnicas, nos nomes e significados, etc. Sem muito esforço esse praticante pode perceber ainda que, apesar de fazer parte do território do Estado-nação japonês, Okinawa se apresenta como um local historicamente à parte. Já com um pouco mais de esforço e curiosidade talvez ele reconheça que muitas denominações estão em uchinaguchi, o idioma tradicional de Okinawa, e não no idioma japonês. Portanto, o reflexo das rupturas antes aqui citadas e de atritos histórico-sociais aparecem até mesmo na mecânica prática dessa arte.

¹⁴ Tradução: “Several actions, institutional, propagational, discursive, and so on have been developed in the last decade to build up the case for karate as ICH [Intangible Cultural Heritage]. These local activities have already profoundly changed the landscape of Okinawa karate and it remains to be seen how far the long-term vision of the prefectural government will further alter local karate communities, as well the understandings and performance of karate in the future”.

As primeiras décadas do século XXI trouxeram novos desenvolvimentos que ligam o Karate à reconstituição do passado, a *Ryūkyū*¹⁵ e seu patrimônio, como a candidatura do Karate à UNESCO que acabamos de mencionar. Todavia, tais desenvolvimentos estão lado a lado com a mercantilização da cultura de Okinawa pelas indústrias do turismo. Atravessado pelo Trópico de Câncer, o arquipélago apresenta um atrativo clima subtropical, onde as temperaturas alcançam uma mínima de 10 °C e podem chegar a atingir os 40 °C. Okinawa é considerada o “Havaí do Japão” devido a beleza de suas praias com lugares para a prática do mergulho, presença de corais e uma rica flora e fauna marítimas de clima predominantemente quente (Kerr 2000). Esta tropicalidade a torna um destino turístico ainda mais atraente para os praticantes de Karate, e faz parte do conjunto de imagens com as quais é construído o setor de turismo de artes marciais da ilha.

A criação de um nicho turístico baseado no Karate aproveita estas condições também, em um movimento que requer um “re-mapeamento” e “recentragem” da arte marcial nascida em Okinawa (González de la Fuente 2021b) de acordo com as condições da globalização e turismo de massas. Fatores socioeconômicos, políticos e culturais promoveram uma mudança econômica nas sociedades pós-industriais em direção aos setores das indústrias culturais em sua interseção com lazer e turismo trazendo serviços acessíveis a uma massa considerável de cidadãos. Para além disso, “constatou-se o interesse em transformar a indústria turística em um agente de desenvolvimento econômico e importante recurso para a recuperação e revitalização das áreas menos urbanizadas do país” (Sganzerla e Yokoyama 2021, 24). De tais mudança, as artes marciais não foram isentas, apesar de seu folheado tradicionalista (Ko e Yang 2009). Tanto é assim que, em dezembro de 2021, e após Tamaki Denny, Governador de Okinawa, *karateka* e diretor do Comitê para o registro do Karate de Okinawa na UNESCO, se reunir com a Agência de Assuntos Culturais do Japão e a Agência de Esportes do Japão, a Prefeitura foi elogiada por sua “promoção do Karate como um novo motor para desenvolver a economia de Okinawa” (Okinawa-Karate-News 2022, 1).

Por fim, podemos pensar que o fenômeno do Karate e a sua globalização atingiu patamares surpreendentes. Nesta conjuntura, as Relações Internacionais que se desdobraram ao longo de sua história trouxeram novos contornos à modalidade. Percebemos que o Karate, esportivo ou não, pode ser enxergado como um “cartão de visita”, tendo em vista que as curiosidades sobre seu passado podem contribuir com o aparecimento de novos praticantes e pesquisadores (Oliveira, Telles e Barreira 2019), os quais iluminariam as disputas de poder geopolíticas próprias da história desta prática corporal. Além do mais, dados e experiências coletados em Okinawa sobre o Karate, na esteira de treinamentos imersivos pelo pesquisador, podem promover reflexões como, por exemplo, o caráter pré-reflexivo do corpo¹⁶ (Telles e Barreira 2024), ou ainda, a relação mestre e aluno sob o prisma do conceito de “ma”¹⁷ (Pucineli e Martins 2023; Pucineli, Frosi e Oliveira 2025).

De maneira geral, a imagem do Karate atual está muito mais baseada no Karate japonês, que é diferente da versão tradicional de Okinawa. Entretanto, notamos esforços para que o Karate okinawano tenha mais acesso, seja virtualmente ou pessoalmente (Telles e Barreira 2024). O Karate está em constante interação e mudança, e essas mudanças são influenciadas pelos contextos históricos, sociais e culturais específicos do Oriente e do Ocidente. As tendências de globalização

¹⁵ Reino antigo formado pelo arquipélago da atual Okinawa. Organização territorial que precedeu a criação da província no moderno Estado Nacional Japonês.

¹⁶ Segundo Telles e Barreira (2024), o caráter pré-reflexivo do corpo, aplicado às experiências de treinamento de Karate em Okinawa, refere-se à capacidade do corpo de agir e interagir no ambiente antes de qualquer reflexão consciente. Conforme abordado em seu estudo, isso significa que o aprendizado e a execução das técnicas de Karate não se baseiam exclusivamente em processos cognitivos, mas em uma incorporação direta de práticas e movimentos através da repetição e da sensibilidade corporal. Esse fenômeno destaca o papel do corpo como um meio de conhecer e responder ao mundo, onde as ações são guiadas por hábitos corporais e pela memória, muitas vezes, sem uma mediação consciente.

¹⁷ Conforme discutido por Pucineli e Martins (2023), o conceito de “ma” refere-se aos intervalos nas relações espaço-temporais, representando não apenas lacunas de transição, mas também oportunidades criativas no âmbito da interação entre mestre e aluno. Em outras palavras, trata-se de um vazio repleto de potencialidades, que possibilita a manifestação de algo significativo no tempo e no espaço. Esses intervalos, perceptíveis nas dinâmicas de um dojo de Karate – seja entre um exercício e outro, na contemplação dos movimentos corporais, no convívio regular entre os praticantes, ou mesmo em reflexões posteriores a diálogos com o mestre ou colegas de treino –, configuram-se como momentos propícios para o fortalecimento dos laços sociais e a consolidação do conhecimento compartilhado.

atuais estão afetando o desenvolvimento do Karate, levando a mudanças sociais de usos e costumes (Rosa 2020).

Considerações finais

Deve-se notar que o Karate pode ser considerado, num sentido histórico-político, e por causa de seu caráter marcial-militar, como o veículo hermenêutico que melhor exemplifica as tensões nas relações histórico-políticas entre Okinawa e Japão, após a conquista de 1609 e a assimilação de 1879, profundamente marcados pelas relações centro-periféricas. Dito de outro modo, como observamos neste estudo, investigando a literatura científica do Karate, podemos contornar com profundidade alguns dos eventos e processos históricos que ligam as relações Okinawa-Japão no contexto consagrado mais amplo da Ásia Oriental, incluindo a participação de outros países, como a China e potências ocidentais, até a contemporaneidade.

Da mesma forma, e após a aceleração das Relações Internacionais e globalização econômica e cultural no início do século XX, o Karate é redimensionado e resignificado em conjunto com processos civilizatórios que abriram esta arte marcial à cultura de massa do Japão – como a esportivização, a padronização, a institucionalização, a mercantilização e a democratização. Depois da Segunda Guerra Mundial, e à medida que o Karate de Okinawa recupera sua visibilidade com sua própria modalidade, uma modalidade prototípica de fato, ganha mais e mais adeptos, em grande parte como resultado de seu impulso para a cultura popular. Assim, seja por meio de praticantes que lá vão pessoalmente conhecê-lo ou por curiosos sobre a história da origem do Karate, as feridas de Okinawa são iluminadas – o Karate se projeta como um elemento capital da identidade cultural de Okinawa. Conhecer o Karate e Okinawa como um sistema explicativo é ao mesmo tempo se impressionar com seu passado, em especial associado as injustiças sociais construídas historicamente nesta parte do mundo. É se dar conta que o arquipélago foi palco de uma das maiores batalhas da Segunda Guerra Mundial e que isso impactou profundamente a já complexa história da ilha. É perceber que existem nítidas influências militares estadunidenses que ainda persistem em habitá-la. É identificar embates raciais, mesmo que a diferenciação seja reconhecida pelo lado japonês, “inclusive por meio da inferiorização do ‘outro’. E é o ‘outro’ ocidental e não o ‘outro’ japonês que precisa saber dessa diferenciação” (Santos 2021, 124).

Como Barreira, Telles e Oliveira (2023) reforçaram, apesar do racismo que o cercou, o Karate sobreviveu aos séculos e se espalhou pelo mundo, encantando gerações de praticantes, incentivando o surgimento de outras artes marciais, marcado por contradições e obscuridades que revelaram menos de sua prática do que daquilo que ela pode servir, como ideologias extremistas. Esse perigo não é exclusivo ao Karate, está nas origens das artes marciais modernas e se fortalece sempre que a pretensão de se classificarem como mais eficazes umas em relação às outras se junta a outras classificações, como as raciais ou as nacionalistas.

Dito isto, as Relações Internacionais ajudaram a enxergar o Karate como um objeto atual e globalizado, ao mesmo tempo em que ajuda a refletir sobre características desta arte e nos permite determinar diversos recortes da história das Relações Internacionais do Japão. Além disso, observou-se que as ilhas *Ryūkyū* são mais do que praias paradisíacas, ou seja, Okinawa é uma “caixa de pandora” que toda vez que alguém a conhece é como se uma caixa fosse aberta, revelando marcas de um passado sombrio, sangrento e semienterrado. Como futuros temas para pesquisa, a partir deste pontapé iniciado, sugerimos que o pesquisador investigue questões ligadas ao Orientalismo (Said 1990), bem como os efeitos da glocalização (Trausch 2018; Giulianotti e Robertson 2007), *sportwashing, soft power* (Almeida e Özdemir 2024; Leite Júnior e Rodrigues 2017) e dupla carreira (Mateu et al. 2025; Marques et al. 2021), focando no Karate.

A escolha do Karate como objeto de pesquisa apresenta-se como um desafio, exigindo uma abordagem interdisciplinar que integre referenciais teóricos oriundos de diversos campos do saber, como Antropologia, História e Relações Internacionais, entre outros. Tal perspectiva é indispensável para compreender não apenas sua trajetória histórica, mas também sua posição no mundo globalizado contemporâneo. Ademais, o hibridismo cultural de Okinawa e sua localização

geográfica estratégica oferecem uma lente privilegiada para o exame de questões socioculturais mais amplas. Nesse sentido, o Karate revela-se como uma fonte complexa e inesgotável de saberes, na qual a rica cultura popular de Okinawa persiste como uma forma de resistência às adversidades históricas e contemporâneas.

Fonte de Financiamento

Marcelo Oliveira (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil – 88887.703308/2022-00, 2022-2026) e Eduardo González (Japan Foundation Grant 2022, and by the GREGAL Research Group R+D+I project PID2021-122897NB-I00 of the MCIN/AEI / 10.13039/501100011033 / FEDER, EU, 2022-2025).

References

- Almeida, Marco Antonio Bettine de, e Marina Özdemir. 2024. “The 3 S’s of FIFA — Soft Power, Sportswashing, Sports Diplomacy: The Brics and Qatar World Cups”. *London Journal of Research in Humanities and Social Sciences* 24, n.º 7: 1–12.
- Antunes, Marcelo Moreira. 2019. “Eric Hobsbawm: a invenção das tradições”. Em *Reflexões sobre corpo, esporte e sociedade*, editado por S. Telles and R. Novaes, 1.ª ed. Rio de Janeiro: Autografia.
- Arakaki, Erica Hitomi, Marcelo Alberto de Oliveira, e Katia Rubio. 2018. “A construção geopolítica do karate: de Okinawa aos Jogos Olímpicos”. II Simpósio de Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP, São Paulo. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.26519.19364>.
- Bagińska, Justyna, Pawel Piepiora, Zbigniew Piepiora, e Kazimierz Witkowski. 2022. “The Geography of Olympic Combat Sports – Part One: Judo, Karate, Taekwondo”. *Archives of Budo* 18: 169–78. https://www.researchgate.net/publication/366138692_The_geography_of_Olympic_combat_sports_-_part_one_judo_karate_taekwondo.
- Barreira, Cristiano R., Thabata Castelo, e Marcelo A. de Oliveira. 2023. “Okinawa e o Karate: entre racismo e afirmação cultural”. Em *Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo*, editado por Neilton de Sousa Ferreira Júnior e Katia Rubio, 107–32. São Paulo: Tato.
- Bento, Jorge Olímpio. 2007. “Do ‘Homo Sportivus’: relações entre natureza, cultura e técnica”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 21, n.º 4: 315–30. <https://revistas.usp.br/rbef/article/view/16676>.
- Bourdieu, Pierre. 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, Pierre. 1996. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Bourdieu, Pierre. 2007. “A distinção: crítica social do julgamento”. Em *Metodologia em ciências sociais*, editado por Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, Pierre. 2009. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, Pierre. 2015. “Notas provisórias sobre a percepção social do corpo”. *Pro-Posições* 25, n.º 1: 247–58. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642491>.
- Bowman, Paul. 2010. “The Globalization of Martial Arts”. Em *Martial Arts in the Modern World*, editado por Thomas A.; Green e Joseph R. Svinth, 2.ª ed. Praeger. https://www.academia.edu/179550/The_Globalization_of_Martial_Arts.
- Cynarski, Wojciech J. 2017. “The Philosophy of Martial Arts – the Example of the Concept of Ido”. *AUC Kinanthropologica* 53, n.º 2: 95–106. https://www.researchgate.net/publication/321396678_The_philosophy_of_martial_arts_-_the_example_of_the_concept_of_Ido.
- Damo, Arlei Sander. 2006. “Senso de jogo”. *Esporte e Sociedade*, n.º 1: 1–43. <https://ludopedio.org.br/biblioteca/senso-de-jogo/>.
- Draeger, Donn F. 1983. *“Karate-Do” Modern Bujutsu & Budo*. New York: Weatherhill.
- Drigo, Alexandre Janotta. 2007. “O habitus e a prática de artes marciais: indícios sobre a construção do espaço social das lutas orientais no Brasil”. IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana/ III Simpósio sobre o Ensino de Graduação em Educação Física: 15 anos do Curso de Educação Física da UFSCar, São Carlos.
- Elias, Norbert, e Eric Dunning. 1992. “A busca da excitação”. *Memória e Sociedade*, editado por Maria Manuela Almeida Silva. Lisboa: DIFEL Editorial.

- Ferreira, Fernando Dandoro Castilho, Ricardo João Sonoda-Nunes, e Wanderley Marchi-Júnior. 2010. “Da sala de cinema à academia: a influência dos filmes de ação na apropriação dos praticantes de kung fu chinês no Brasil”. *EFDeportes.Com* 15, n.º 151. <https://www.efdeportes.com/efd151/a-influencia-dos-filmes-de-acao-na-apropriacao-de-kung-fu.htm>.
- Figueiredo, Abel Aurélio Abreu. 2006. “A institucionalização do karate: os modelos organizacionais do karate em Portugal”. Tese de doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa.
- Frosi, Tiago Oviedo. 2012. “Uma história do karate-dô no Rio Grande do Sul: de arte marcial à prática esportiva”. Dissertação mestrado em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.
- Frosi, Tiago Oviedo, e Janice Zarpellon Mazo. 2011. “Repensando a história do karate contada no Brasil”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)* 25, n.º 2: 297–312. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200011>.
- Frosi, Tiago Oviedo, e Marcelo Alberto de Oliveira. 2019. “O Bushido na prática: o caso da educação em valores no Karate Shotokan”. Em *Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea*, editado por Sérgio Luiz Carlos dos Santos, 1.ª ed., 115–32. Curitiba: CRV. https://www.researchgate.net/publication/336409377_O_Bushido_na_pratica_o_caso_da_educacao_em_valores_no_Karate_Shotokan_The_Bushido_in_practice_the_case_of_values_education_in_Shotokan_Karate.
- Frosi, Tiago Oviedo, Joaquim Antônio Bernardes Carneiro Monteiro, and Leandro Carlos Mazzei. 2025. “Reinventando o karatedo: a adoção do nome moderno da luta de Okinawa.” *Movimento* (ESEFID/UFRGS) 31: e31012. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.139919>.
- García, Carlos Gutiérrez, Vitor Alberto Rosa, e Mikel Pérez-Gutiérrez. 2010. “Introducción de las artes marciales asiáticas en Portugal”. *Materiales para la Historia del Deporte*, n.º 8: 9–29. http://polired.upm.es/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/4165/4184.
- Giulianotti, Richard, e Roland Robertson. 2007. “Forms of Glocalization: Globalization and the Migration Strategies of Scottish Football Fans in North America”. *Sociology* 41, n.º 1: 133–52. <https://doi.org/10.1177/0038038507073044>.
- González de la Fuente, Eduardo. 2021a. “In Which Ways Is Karate(Dō) Japanese? A Consideration on Cultural Images of Bushidō and Nihonjinron in the Postwar Globalization of Martial Arts”. *Waseda University Journal of Inter-Regional Studies: Regional and Global Perspectives* 4: 15–30.
- González de la Fuente, Eduardo. 2021b. “Recentering the Cartographies of Karate: Martial Arts Tourism in Okinawa”. *Ido Movement for Culture: Journal of Martial Arts Anthropology* 21, n.º 3: 51–66. <https://doi.org/10.14589/ido.21.3.8>.
- González de la Fuente, Eduardo, e Andreas Niehaus. 2020. “From Olympic Sport to UNESCO Intangible Cultural Heritage: Okinawa Karate Between Local, National, and International Identities in Contemporary Japan”. Em *Traditional Martial Arts: As Intangible Cultural Heritage*, editado por Park Seong-Yong e Ryu Seok-Yeol, 39–51. UNESCO - ICHCAP and ICM. https://www.researchgate.net/publication/344905876_From_Olympic_Sport_to_UNESCO_Intangible_Cultural_Heritage_Okinawa_Karate_Between_Local_National_and_International_Identities_in_Contemporary_Japan.
- Guttman, Allen. 1978. *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports*. New York: Columbia University.
- Guttman, Allen, e Lee Thompson. 2001. *Japanese Sports: A History*. Hawaii: University of Hawai‘i Press.
- Hamashita, T. 2011. “From Tribute Trade to Migration Center: The Ryukyu and Hong Kong Maritime Networks within the East and South China Seas in a Long-Term Perspective”. In *Connecting Seas and Connected Ocean Rims*, 172–97. Leiden: Brill. <https://doi.org/10.1163/ej.9789004193161.i-552.42>.
- Ito, Narumi. 2021. “Um breve percurso histórico sobre o Budō: de arte marcial japonesa à prática esportiva mundial”. *Revista de Estudos Orientais* 9, n.º 9: 185–201. <https://doi.org/10.11606/issn.2763-650x.i9p185-201>.
- Jansen, Marius B. 1989. *The Cambridge History of Japan. The Nineteenth Century*. 1.ª ed. Vol. 5. Cambridge: Cambridge University Press 1989.
- Kadekaru, Toru. 2021. “Okinawa”. Em *Karate - Its History and Practice*, editado por Masashi Koyama, Koji Wada, and Toru Kadekaru, 1.ª ed., 7–99. Tokyo: Nippon Budokan.
- Kawabata, Hiroaki. 2017. “O Japão entre mito e realidade: as implicações do Constitucionalismo de Meiji para o Constitucionalismo de Pós-Guerra e atual”. *Estudos Japoneses*, n.º 38: 25–39. <https://revistas.usp.br/ej/article/view/148807>.
- Kebbe, Victor Hugo. 2021. “Leituras Avançadas - Okinawa”.
- Kerr, George H. 2000. *Okinawa - The History of an Island People*. Editado por Mitsugu Sakihara. North Clarendon, USA: TUTTLE.

- Kim, Jooyoun, e Eunjung Kim. 2022. “‘There Is No First Attack in Karate’: The Emergence of ‘Sport Karate’ During the Allied Occupation of Japan”. *Sport History Review* 53, n.º 1: 67–82. <https://doi.org/10.1123/shr.2021-0005>.
- Ko, Y. J., e J. B. Yang. 2009. “La globalización de las artes marciales: el cambio de reglas para los nuevos mercados”. *Revista de Artes Marciales Asiáticas* 4, n.º 1: 8–19. <https://doi.org/10.18002/rama.v4i1.222>.
- Leite Júnior, Emanuel Ferreira, and Carlos Rodrigues. 2017. “The Chinese Football Development Plan: Soft Power and National Identity.” *HOLOS* 5 (November): 114–24. <https://doi.org/10.15628/holos.2017.5750>.
- Lu, Li e Dong Pan. 2018. “Comparative Research on the Modernization of Chinese and Japanese National Traditional Sports from a Culturology Perspective”. *The International Journal of the History of Sport* 35, n.º 15–16: 1567–87. <https://doi.org/10.1080/09523367.2019.1622526>.
- Marques, Renato Francisco Rodrigues. 2015. “O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias”. *Revista Observatorio Del Deporte - ODEP* 1, n.º 1: 147–85.
- Marques, Renato Francisco Rodrigues, Christiano Streb Ricci, Iuri Scremin de Miranda, and Felipe Rodrigues da Costa. 2021. “Dupla carreira no contexto do esporte: percepções e desafios em diferentes denários.” *Revista Da ALESDE* 13 (1). <https://doi.org/10.5380/jlass.v13i1.81106>.
- Martins, Carlos, e Helena Altmann. 2007. “Características do esporte moderno segundo Elias e Dunning”. X Simpósio Internacional Processo Civilizador, Campinas, 1 a 4 de abril de 2007. http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Carlos_J_Martins.pdf.
- Mateu, Pau, José Devís-Devís, Miquel Torregrossa, and Renato Francisco Rodrigues Marques. 2025. “A race against time: a critical analysis of elite student-athletes’ accelerated temporality through story completion.” *International Review for the Sociology of Sport* 60 (2): 341–61. <https://doi.org/10.1177/10126902241268022>.
- Mezcua-López, Antonio José. 2012. “Introducción a la historia de los deportes en la china antigua”. *Materiales para la Historia del Deporte*, n.º 10: 105–16. http://polired.upm.es/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/4154/4384.
- Moenig, Udo, Minho Kim, e Hyun Min Choi. 2023. “Traditional martial arts versus martial sports: the philosophical and historical academic discourse”. *Revista de Artes Marciales Asiáticas* 18, n.º 1: 41–58. <https://doi.org/10.18002/rama.v18i1.7604>.
- Moenig, Udo, C Sungkyun, e K Taek-Yong. 2014. “Evidence of Taekwondo’s Roots in Karate: An Analysis of the Technical Content of Early Taekwondo Literature”. *Korea Journal* 54, n.º 2: 150–78.
- Morais, Líliliana. 2019. “Imagens do Japão do orientalismo ao cosmopolitismo: uma revisão crítica do Nihonjinron”. *Estudos Japoneses*, n.º 42: 93–111. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.v0i42p93-111>.
- Mori, Rafael Cava, e Gilmar Araújo de Oliveira. 2019. “Aspectos educacionais do karate: discutindo suas representações no cinema”. *Educação e Pesquisa* 45. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945192837>.
- Nunes, Gabriel Pinto. 2012. “O bushidô na visão de Nitobe: a construção de uma identidade nacional a partir de um sistema ético”. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.
- Oguma, E. 2014. *The Boundaries of ‘the Japanese’: Vol. 1: Okinawa, 1818–1972: Inclusion and Exclusion*. Melbourne: Trans Pacific Press.
- Okinawa-Karate-News. 2022. “Okinawa Karate News”. News Forum, 182, 1. 2022.
- Okinawan-Prefectural-Government. 2017. “Okinawa, the Birthplace of Karate (空手発祥の地沖縄)”. Dragon-Ikemiya JV, 17. 2017.
- Oliveira-Santos, Gilbert de. 2021. “Arte marcial, cinema e moralidade: impulsos do corpo e o cultivo de si”. *Movimento (Porto Alegre)* 27 (September): e27051. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.107568>.
- Oliveira, Marcelo Alberto de. 2020. “O karate: rituais, tradições e significados a partir da percepção de mestres e alunos”. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.39.2020.tde-13052021-145905>.
- Oliveira, Marcelo Alberto de, e Gabriel de Oliveira Feijó. 2023. “Entre a emoção e o espetáculo: o karate esportivo brasileiro”. *Revista Da ALESDE* 15, n.º 1: 101–20. <https://doi.org/10.5380/ra.v15i1.87056>.
- Oliveira, Marcelo Alberto de, Tiago Oviedo Frosi, Ricardo João Sonoda-Nunes, Thiago Farias da Fonseca Pimenta, Carlos Alberto Bueno dos Reis-Junior, e Narayana Astra van Amstel. 2018. “De ‘mãos vazias’ a ‘mãos com luvas’: uma análise sociológica sobre o Karate e os Jogos Olímpicos”. *Olimpianos -*

- Journal of Olympic Studies* 2, n.º 1: 324–42. <https://doi.org/10.30937/2526-6314.v2n1.id40>.
- Oliveira, Marcelo Alberto de, Thabata Castelo Branco Telles, e Cristiano Roque Antunes Barreira. 2019. “De Okinawa aos Jogos Olímpicos: o karatê”. Em *Do pós ao neo olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI*, editado por Katia Rubio, 1.ª ed., 327–47. São Paulo: Képos.
- Park, Jin-Kyung, Hyae-Syn Tae, Gwang Ok, e Sun-Yong Kwon. 2018. “The Heritagization and Institutionalization of Taekkyeon: An Intangible Cultural Heritage”. *The International Journal of the History of Sport* 35, n.º 15–16: 1555–66.
- Pimenta, Thiago, Tiago Oviedo Frosi, Marcelo Alberto de Oliveira, e Fabio José Cardias-Gomes. 2024. “As artes marciais e o desenvolvimento das virtudes: aproximações e distanciamentos entre aretê e bushidô”. *Revista Mosaico* 15, n.º especial: 01–11. <https://doi.org/10.21727/rm.v15iEspecial.4327>.
- Pita Céspedes, G. 2014. *Genealogía y Transformación de La Cultura Bushi En Japón. Biblioteca de Estudios Japoneses*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- Pucineli, Fabio Augusto, e Carlos José Martins. 2014. “A invenção do ‘Homo Sportivus’ durante o processo de modernização do Japão e a reconfiguração das artes marciais japonesas”. VIII Seminário do Centro de Memória da Educação Física (CEMEF), Belo Horizonte, 12 a 14 de Novembro. https://drive.google.com/file/d/1gMtIGrwkq3_0oLGo6VzqYDQDfbNBAuXm/view.
- Pucineli, Fabio Augusto, e Carlos José Martins. 2023. “Ao sol, faixa branca; sob a lua, faixa preta: estudo comparativo entre duas possibilidades do Karatê em Okinawa”. *Revista Mosaico* 14, n.º 2: 208–17. <https://doi.org/10.21727/rm.v14i2.3813>.
- Pucineli, Fabio Augusto, Tiago Oviedo Frosi, and Marcelo Alberto de Oliveira. 2025. “O Karatê como um etnoesporte: vestígios ‘Indígenas’ na prática”. *Revista Territorial*, n.º 14: 402–33. <https://www.revista.ueg.br/index.php/territorial/article/view/16710>.
- Quast, Andreas. 2016a. “On Tishimi and Ti”. 5 Jul. 2016. <https://web.archive.org/web/20230129030412/https://ryukyu-bugei.com/?p=6591>.
- Quast, Andreas. 2016b. “Timeline of Bōgu-Tsuki Karatê”. 1 Jul. 2016 - Ryukyu Bugei 琉球武芸. <https://web.archive.org/web/20231201160329/https://ryukyu-bugei.com/?p=6533>.
- Raimondo, S, L Rea, e Yong-shun. 2022. “Taijiquan, genius loci and tourism: a participant observation about Chenjiagou”. *Revista de Artes Marciais Asiáticas* 17, n.º 1: 52–72.
- Reis-Júnior, Carlos Alberto Bueno dos. 2019. “Processos de institucionalização do wushu na era maoísta : considerações a partir da análise de manuais elaborados pela Comissão de Esportes e Cultura Física da República Popular da China entre 1958-1963”. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Paraná. DOI:10.13140/RG.2.2.30067.81443.
- Renouvin, Pierre, e Jean-Baptiste Duroselle. 1967. *Introduction to the History of International Relations*. Praeger.
- Roden, Donald. 1980. “Baseball and the Quest for National Dignity in Meiji Japan”. *The American Historical Review* 85, n.º 3: 511–34. <https://doi.org/10.2307/1854915>.
- Røkkum, Arne. 2006. *Nature, Ritual, and Society in Japan's Ryukyu Islands*. Abingdon: Routledge.
- Rosa, Vítor Alberto Valadas. 2020. “Análise sociológica sobre o karatê em Portugal”. *Journal of Sport Pedagogy & Research* 6, n.º 1: 26–35. <https://doi.org/10.47863/RFYD7442>.
- Sá, Michele Eduarda Brasil de. 2017. “Teatro Kabuki - Das Origens à Contemporaneidade”. *Estudos Japoneses*, n.º 38: 97–108. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.v0i38p97-108>.
- Said, Edward W. 1990. *Orientalismo: O Oriente Como Invenção Do Ocidente. Pós-Modernismo e Política*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sanches, Eros José. 2021. *Ikken Hissatsu: As Origens Do Karate-Do*. 1.ª ed. União da Vitória: Kaygange Ltda.
- Sánchez-García, Raúl. 2019. *The Historical Sociology of Japanese Martial Arts*. 1.ª ed. Oxford: Routledge.
- Santos, Gustavo Oliveira Brito dos. 2021. “O Karatê entre o Japão e Okinawa: as disputas na construção e afirmação da identidade okinawana por meio do karatê”. Universidade Federal de Goiás. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11134>.
- Saraiva, José Flavio Sombra. 2008. *História das relações internacionais contemporâneas: da sociedade internacional do Século XIX à era da globalização*. 2.ª ed. São Paulo: Saraiva.
- Sciascio, Jorge Henrique de Magalhães Sasso. 2019. “Contribuições das tecnologias para o karatê brasileiro: aspectos da gênese, escolarização ao Brasil contemporâneo”. *Repositório Institucional UNESP*. Universidade Estadual Paulista - UNESP. https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191014/sciascio_jhms_dr_rcla.pdf?sequence=3&isAllowed=y.

- Sganzerla, Guilherme, e Marcos Hideyuki Yokoyama. 2021. “Turismo no Japão: o desenvolvimento de políticas para a recuperação econômica e revitalização regional no país”. *Estudos Japoneses*, n.º 46 (December): 11–27. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.i46p11-27>.
- Shimabuko, Gabriela Akemi. 2016. “A origem do Perigo Amarelo: Orientalismo, colonialismo e a hegemonia euro-americana”. Trabalho final de História Geral, UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- Smits, G. 2010. “Examining the Myth of Ryukyuan Pacifism”. *The Asia-Pacific Journal: Japan Focus* 8, n.º 37: 1–21.
- Smits, G. 2018. *Maritime Ryukyu, 1050–1650*. Honolulu: University of Hawai‘i Press.
- Tanji, Miyume. 2006. *Myth, Protest and Struggle in Okinawa. Myth, Protest and Struggle in Okinawa*. 1.^a ed. New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203016121>.
- Telles, Thabata Castelo Branco, e Cristiano Roque Antunes Barreira. 2024. “Karate Practices in Japan and Okinawa: Describing an Immersion Using a Phenomenological and Transcultural Approach”. *Ido Movement for Culture - Journal of Martial Arts Anthropology* 24, n.º 3: 1–11. <https://doi.org/10.14589/ido.24.3.1>.
- Trausch, Tim. 2018. “Martial Arts and Media Culture: Glocalization, Heterotopia, Hyperculture.” *Martial Arts Studies* 7: 60–69. <https://doi.org/10.18573/mas.78>.
- Ueno, Luana Martina Magalhães. 2019. “O duplo perigo amarelo: o discurso antinipônico no Brasil (1908-1934)”. *Estudos Japoneses*, n.º 41: 101–15. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.v0i41p101-115>.
- Xie, J, K Jung, Y Cao, e C Liu. 2022. “The Development of Karate in China: Using Literature Review to Explore Karate from the Perspective of Chinese”. *Research in Dance and Physical Activity* 6, n.º 2: 33–49.

ORCID

Marcelo Alberto de OLIVEIRA  <https://orcid.org/0000-0001-8555-3605>

Eduardo GONZÁLEZ DE LA FUENTE  <https://orcid.org/0000-0002-8483-4867>

Roberto Marques Leão da SILVA  <https://orcid.org/0000-0002-2127-126X>

Gustavo Oliveira Brito dos SANTOS  <https://orcid.org/0009-0002-5392-9326>